

Novo Correio das Modas: considerações lexicais e culturais

Novo Correio das Modas: lexical and cultural considerations

Novo Correio das Modas: consideraciones léxicas y culturales



Thais Janeli

Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
E-mail: thy.bj@hotmail.com



Vivian Orsi

Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
E-mail: vivian.orsi@unesp.br

Resumo: A moda desperta interesse pois, por meio dela, podemos observar comportamentos sociais e notar o léxico usado para tratar dela. Nesta pesquisa, escolheu-se trabalhar com um periódico que circulou no Brasil de 1852 a 1854, o *Novo Correio das Modas*, e coletar as unidades lexicais que nomeavam vestimentas e acessórios para montar um *corpus* e analisá-lo por meio de fichas. Conclui-se que a língua portuguesa estava se afirmando cada vez mais no território nacional dentro do campo lexical da moda, apesar do constante uso de itens lexicais estrangeiros.

Palavras-chave: léxico da moda; imprensa do século XIX; *Novo Correio das Modas*.

Abstract: Fashion arouses interest because, through it, we can observe social behaviors and notice the lexicon used to treat it. In this research, we chose to work with a periodical that circulated in Brazil from 1852 to 1854, *Novo Correio das Modas*, and to collect the lexical units that named clothing and accessories to assemble

a corpus and analyze it in the light of lexicological studies, making files to analyze such items. It was concluded that the Portuguese language was increasingly asserting itself in the national territory within the lexical field of Fashion, despite the constant use of foreign lexical items.

Keywords: fashion lexicon; 19th century press; *Novo Correio das Modas*.

Resumen: La moda despierta interés porque, a través de ella, podemos observar comportamientos sociales y darnos cuenta del léxico utilizado para abordarla. En esta investigación, optamos por trabajar con un periódico que circuló en Brasil entre 1852 y 1854, *Novo Correio das Modas*, y recolectar las unidades léxicas que nombraban prendas y accesorios para armar un corpus y analizarlo a la luz de estudios lexicológicos, realizando fichas para analizar dichos ítems. Se concluye que la lengua portuguesa se afirmaba cada vez más en el territorio nacional dentro del campo léxico de la Moda, a pesar del uso constante de elementos léxicos extranjeros.

Palabras clave: léxico de moda; prensa del siglo XIX; *Novo Correio das Modas*.

Submetido em 24 de outubro de 2022.

Aceito em 24 de março de 2023.

Publicado em 20 de junho de 2023.

Introdução

A história e os costumes de sociedades e povos das mais diversas épocas podem ser estudados e apontados com a ajuda da análise da moda e, também, do seu léxico. Tema ainda considerado marginal nos estudos acadêmicos, como diz Wajnman (2005, p. 133), “a moda hoje adquire características e dimensões desconhecidas que devem ser urgentemente sistematizadas e compreendidas”. E é o que se propõe neste artigo: além de refletir sobre a moda, nossa pesquisa intentou apontar itens lexicais referentes a esse universo, usados pela imprensa brasileira no século XIX. Para tanto, escolhemos trabalhar com o periódico *Novo Correio das Modas* (LAEMMERT; LAEMMERT, [2016b]), fonte da qual foram extraídas as lexias a serem analisadas. Neste artigo trazemos alguns dos itens mais relevantes e que merecem destaque dentro do exame realizado sobre o léxico da moda no Brasil no século XIX.

Para Chataignier (2010, p. 85), no século XIX, os correios de moda eram disponibilizados em formato de periódicos, que destinavam suas publicações às novidades por meio de crônicas e croquis, que eram trocados e feitos circular de mão em mão entre suas usuárias/leitoras, por terem custo elevado e mostrar modelos que careciam de altos investimentos, seja de lojas de tecidos, modistas e armarinhos.

Destinado às famílias cariocas, o *Novo Correio das Modas*¹ trazia, além das gravuras de moda, romances de autores nacionais e estrangeiros, poesias, anedotas e contos de viagens, a fim de enriquecer a leitura das famílias da época. Cruz e Sena (2012) afirmam que grande quantidade dos textos era assinada por homens, apesar de o periódico despertar maior interesse nas mulheres.

A seção selecionada para análise nesta pesquisa é intitulada “Modas”, na qual se encontra a descrição das gravuras de modelos de vestuário para mulheres, homens e crianças.

¹ Os exemplares do *Novo Correio das Modas* foram acessados remotamente por meio da consulta à Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional Digital, vinculada à Fundação Biblioteca Nacional, que disponibiliza os exemplares dos anos 1852, 1853 e 1854 gratuitamente (LAEMMERT; LAEMMERT, [2016b]).

Na seção Modas, especialmente dedicada a essa temática e de presença fixa nas revistas, os redatores descreviam essas gravuras a fim de permitir que os leitores reproduzissem os figurinos, mandando fazer as peças em costureiras e alfaiates especializados ou mesmo as confeccionando com suas próprias mãos. (DONEGÁ, 2013, p. 90).

A maioria dos modelos retratados é de vestidos femininos para ocasiões formais, como um baile, ou trajes de passeio no campo. Nota-se que essa seção do periódico era destinada especialmente às mulheres, pois, para dar início às descrições das gravuras e endereçar-se especificamente às leitoras, encontram-se expressões direcionadas ao público feminino, como por exemplo, “nossas amáveis leitoras” (LAEMMERT; LAEMMERT, [2016a], p. 8); “A estampa do nosso presente numero representa dous lindos *toilettes* para senhora” (LAEMMERT; LAEMMERT, [2016a], p. 8, grifo do autor) e “Nossa gravura, chegada pelo ultimo paquete inglez, offerece ás nossas amáveis leitoras dous lindos figurinos” (LAEMMERT; LAEMMERT, [2016a], p. 96). De acordo com Chataignier (2010, p. 91): “No que se refere ao século XIX, pode-se perceber que existiam estilos diversos espalhados pelo Brasil, identificados segundo os costumes e materiais têxteis de suas respectivas regiões”. Porém, ao observar os periódicos disponíveis, notamos que os figurinos da seção selecionada do *corpus*² eram inspirados na moda francesa, já que, de modo geral, sua cultura estava muito presente na vida social carioca do século XIX e influenciava o modo de viver e de vestir dos brasileiros, especificamente daqueles pertencentes à elite, o que acontecia porque essa classe detinha maior poder aquisitivo e era o público ao qual os elegantes trajes inspirados na moda parisiense eram destinados. Vejamos, a seguir, como se manifesta a moda no léxico.

² Neste artigo usamos *corpus* como define Fromm (2003): uma coleção de textos reunidos com um propósito específico de análise.

Léxico e moda no século XIX

Respaldando nosso pensamento em Batista (2011, p. 17), entendemos que a língua é resultado das permanentes relações com os elementos que a formam. E um desses componentes é o léxico, o estoque de palavras que está “no cerne do conhecimento linguístico, pois falar uma língua consiste, antes de mais nada, em combinar palavras no seio de frases tendo em vista comunicar-se” (POLGUÈRE, 2018, p. 23).

O léxico representa um “‘escape’, ou, noutras palavras, constitui um componente simultaneamente sistemático e aberto, marcando essa propriedade da linguagem verbal de ser instável ao mesmo tempo em que se constrói sobre uma base estável e definida, a ponto de poder ter uma identidade própria” (ANTUNES, 2012, p. 29).

Por meio da palavra, sinônimo aqui de *unidade, item lexical* ou *lexia*, estabelece-se uma ponte entre o ambiente social, o outro e o indivíduo. De acordo com Batista (2011, p. 9), “a capacidade humana da linguagem permite a existência de relacionamentos do homem consigo mesmo, com o mundo e com os outros homens. [...] Interagir, portanto, implica linguagem, que pode ser manifestada pelo verbal ou pelo não verbal”.

O léxico é, logo, uma rede de unidades lexicais que estão conectadas e que espelha um conjunto de informações que falantes e usuários de uma língua têm sobre a catalogação, a composição, a formação e o significado das palavras para referenciar seu mundo (BIDERMAN, 2001). Por estar ligado a um âmbito específico, o léxico da moda pode ser também considerado especializado (FAULSTICH, 2001).

E é essa a ligação do léxico com a Moda: um sistema de comunicação que contribui, de certa forma, para a organização social. Afinal, Garcia e Miranda (2007, p. 23) reforçam tal ideia ao expressar que a moda “é um dispositivo social, portanto o comportamento orientado por ela é fenômeno do comportamento humano generalizado e está presente na sua interação com o mundo”.

Metodologia da pesquisa

O levantamento das unidades referentes às peças do vestuário brasileiro do Século XIX foi realizado utilizando como fonte de pesquisa edições do *Novo Correio das Modas*, periódico dos editores Eduardo e Henrique Laemmert, que circulou no Rio de Janeiro, de 1852 até 1854.

A publicação conta com cinquenta exemplares disponibilizados *on-line*. Para esta análise, foram escolhidos vinte e cinco exemplares que trazem gravuras de modelos para mulheres, crianças e homens, bem como as descrições destas gravuras.

Nosso objetivo principal de recolher itens relacionados à moda para posterior análise foi efetivado com a extração e coleta manuais, para formar o *corpus* com o qual trabalhamos. Com os dados recolhidos e organizados em fichas, procedemos aos exames léxico-semânticos, destacando a presença ou ausência de estrangeirismos e dos itens frequentes, com ênfase na sua relação com a história da moda e da sociedade brasileiras.

Para esclarecer o significado dos itens coletados e apresentar as acepções relacionadas à moda, recorreremos aos dicionários *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2010) e *Aulete online* (DICIONÁRIO AULETE DIGITAL, [2014]), escolhidos por ser, o primeiro, uma das referências de obra de consulta impressa mais populares entre o público geral (ZINGANO KUHN, 2019), de grande tradição na mídia brasileira e ao qual tivemos acesso mais facilmente, e, o segundo, por estar entre os mais populares no Brasil (FRANKENBERG-GARCIA, 2017). Ambos são classificados, conforme Polguère (2018, p. 241), como dicionários para o grande público, ou seja, dicionários da língua geral que têm uma relevância social considerável, sendo um reflexo da sociedade em que a língua portuguesa brasileira é falada, o que justifica a seleção de ambos para amparar nossa pesquisa. As lexias recolhidas foram organizadas em fichas como no modelo abaixo (Tabela 1).

Tabela 1 – Modelo de ficha para catalogar os dados encontrados no *corpus* selecionado

ITEM RETIRADO DO <i>CORPUS</i>	
Exemplo	
Referência do documento	
Item com grafia atual, se houver	
AUL	AUR
Acepção referente retirada do dicionário Aulete, se houver	Acepção retirada do dicionário Aurélio, se houver
Reflexões sobre o item selecionado e retirado do <i>corpus</i>	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Resultados

Ao todo, dos vinte e cinco exemplares escolhidos, foram encontradas 432 unidades, e, portanto, elaborado o mesmo número de fichas para catalogar os dados encontrados sobre o léxico do vestuário no *Novo Correio das Modas*. A maioria das unidades recolhidas apresenta a descrição de vestidos femininos. Para melhor ilustrar a quantidade e a variedade dos dados coletados do *Novo Correio das Modas*, apresentamos os quinze itens mais frequentes e os menos frequentes encontrados no *corpus*. A começar por aqueles mais frequentes, notamos que “vestido” (Tabela 2) aparece trinta e cinco vezes, assim como “manga”, porém, esta segunda tem uma pequena variação, aparecendo no plural trinta e duas vezes (a forma mais corrente de registro na língua portuguesa, pois, a maioria das roupas possui duas mangas, o que implicaria na descrição de uso do plural) e três vezes no singular.

Tabela 2 – Ficha de “vestido”, uma das mais frequentes encontradas no *corpus*

VESTIDO
“vestido de noiva”
Laemmert e Laemmert ([2016a], p. 24)
-

AUL	AUR
3. Roupas ger. us. por mulheres, composta por blusa e saia formando uma peça única: "...mandara confeccionar um belo vestido de seda pura, preto, bordado a miçangas..." (Zélia Gattai, Um chapéu para viagem).	[Do lat. <i>vestitu.</i>] Substantivo masculino. 2. Vestimenta feminina usada, em geral, por cima da roupa de baixo (q. v.), e composta de saia e blusa, formando um todo.
Um dos mais famosos e comuns trajes da indumentária feminina, os vestidos são símbolos de elegância e que já apareceram com diferentes formas e comprimentos ao longo da história da moda. Conforme o <i>Dicionário Etimológico da língua portuguesa</i> (CUNHA; MELLO SOBRINHO, 2010), vestido aparece registrado no português brasileiro em 1813.	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para vestido foram encontrados os sintagmas: vestido de seda (tecido fino e delicado), vestido de tafetás (tecido de seda brilhante e resistente), vestido de popeline (tecido de algodão, de aparência lustrosa [Aulete]), vestido-redingote (peça comprida, ajustada na cintura e abotoada na frente, com corte similar a uma sobrecasaca, sinônimo de redingote [Aulete]), vestido Pompadour (remete à marquesa de *Pompadour*, amante do rei Luís XV, da França. O traje é associado às pinturas em que a dama aparece vestida com cores pálidas, em dourado e azul, com modelos bufantes), vestido de tarlatana (tecido de trama grossa e engomado [Aurélio], formando um vestido volumoso), e vestido de gaze (tecido fino e transparente, feito de algodão ou de seda).

Em terceiro lugar, vem a unidade "chapéu", que é empregada vinte e quatro vezes, dividindo-se entre as ocorrências com os sintagmas chapéu de tafetás (tecido descrito anteriormente), chapéu de setim (tecido de seda fino, macio e brilhante), chapéu de escomilha (tecido de seda ou lã), chapéu de seda (descrito anteriormente), chapéu de veludo (tecido com pelos curtos, densos, macio e brilhante), chapéu de crêpe e veludo (crepe é tecido fino e leve, de aspecto ondulado, de fios de seda ou de lã), chapéu de rendas (Tecido fino feito de fios, que formam um vazado, criando desenhos variados), chapéu de castor (peça feita com o pelo desse animal roedor) e chapéu americano (peça de abas curtas e rígidas).

Em seguida tem-se "corpinho", que, por sua vez, foi empregada vinte e três vezes entre os dados recolhidos. É atual sinônimo de

corpete e apareceu complementado por aberto, decotado, acolchoadinho, afogado (não apresenta decote e consiste numa peça totalmente fechada), de abas e laços, jaleco (tem comprimento similar ao de uma jaqueta e é todo fechado), de veludo, justo e liso.

Em quinto lugar vemos “tafetá”, que aparece doze vezes, e suas variáveis “taffetà”/“taffetés”, que aparecem seis vezes (cinco no singular e uma no plural), totalizando dezoito usos desta lexia.

“Calça” é a sexta mais frequente e foi utilizada dezessete vezes. Em seguida, foi contabilizado o uso de “saia” (sétima mais frequente) e “fita” (oitava mais frequente) por dezesseis vezes, ambas quatro vezes no plural e o restante no singular. Esta variação de singular/plural se deve à concordância de número dos substantivos, característica da língua portuguesa. “Laço” vem em nono lugar como a mais frequente, sendo usada num total de doze vezes. Outro item frequente foi “velludo”, o décimo mais utilizado, variando o uso com duas // (seis vezes) e apenas uma // (quatro vezes), totalizando dez vezes. “Collete” aparece grafado por dez vezes também. Deparamos, portanto, com uma alomorfia, ou seja, com a variação de uma forma mínima, sem prejuízo de seu conteúdo semântico (PETTER, 2003).

Os dois alomorfes citados anteriormente se realizam pela presença de consoantes dobradas, as chamadas consoantes geminadas. Esse fenômeno não é estanque ao período histórico do qual tratamos aqui; ainda há atualmente essas consoantes duplas em português, como -ss e -rr. Conforme Lima (2009, p. 22), esse momento em que abundam na língua as geminadas é chamado de “Período pseudo-etimológico. Inicia-se no século XVI e vai até o ano de 1904, em que aparece a ‘ortografia nacional’ de Gonçalves Viana”. Já “enfeite” aparece cinco vezes no singular e mais quatro no plural, totalizando nove vezes. As três últimas mais frequentes a serem citadas são “botões” (oito vezes), “camisinha”, parte da indumentária feminina que ajudava a compor os decotes dos vestidos (sete vezes), e “renda” (sete vezes).

Por outro lado, as quinze unidades menos frequentes dos dados recolhidos são “bonnet”/“boné”, “luvas” e “jaqueta”, exemplos

que aparecem três vezes; “algibeira” (bolso), “galão” (faixa ou tira de tecido que dá acabamento à roupa), “botins” (calçado similar à bota, com cano curto), “pelissa” (peça de vestuário clássica, confeccionada com sedas finas, forrada de pele e volumosa), “paletot”, “gravata” (Tabela 3), “meia” e “alfinete” são exemplos de lexias que foram empregadas duas vezes e, por fim, alguns itens que foram utilizadas apenas uma vez são “grega” (enfeite de tecido, comumente bordado, usado para dar acabamento às peças de roupa), “casaco”, “barras” e “leque”.

Tabela 3 – Ficha de “gravata”, uma das menos frequentes do *corpus*

GRAVATA	
“gravata de granadina”	
Laemmert e Laemmert ([2016a], p. 40)	
-	
AUL	AUR
sf. 1. Vest. Peça do vestuário ger. masculino que consiste numa tira de tecido que contorna o pescoço e é atada em nó ou em laço à frente do colarinho.	Substantivo feminino. 1. Tira de tecido, estreita e longa, usada em volta do pescoço e amarrada em nó ou laço na parte da frente.
Peça relacionada ao vestuário masculino, consiste em uma tira de tecido estreita e longa, que se usa em torno do pescoço, presa por um laço ou nó na parte da frente. A gravata varia na forma e na cor, a depender das outras peças escolhidas para o uso. Neste caso a gravata de granadina (tipo de renda sutil) é delicada e compõe o vestuário feminino.	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se, de maneira geral, que as unidades mais frequentes são os modelos mais usados na época, bem como o tecido mais comum e os detalhes que, de certo modo, estavam presentes em todos os modelos, como as mangas.

O material de confecção dos vestidos que predomina é o tafetá, de uso muito comum no século pesquisado. Nota-se que a tendência é de vestidos com tecidos leves, que além do já mencionado inclui também a seda, pois, dada a localização geográfica do Brasil, o calor predomina como clima na maior parte do ano. Muitos dos modelos descritos são direcionados para uso em bailes de verão, bailes de carnaval ou passeios ao ar livre.

Já os itens menos frequentes são de roupas masculinas e acessórios que não compunham todos os modelos, pois o público-alvo, conforme mencionamos anteriormente, eram as leitoras brasileiras, logo, os modelos e peças do vestuário feminino são maioria.

Discussão dos resultados

Sendo a moda fator externo e de renovação constante, também o léxico que a ela se refere segue o mesmo processo de atualização frequente. Dentro do léxico, essa criação e atualização se dá, fortemente, pela atuação da neologia.

Começamos, então, apontando que, a partir dos itens anteriormente mencionados, vê-se que há presença no *corpus* de neologismos. Segundo Batista (2011, p. 63), eles “classificam-se como processos produtivos de formação de palavras, reveladores, muitas vezes, de transformações de caráter sociocultural, caracterizadoras da relação íntima que existe entre léxico e os fatores externos à língua”.

Antunes (2012) afirma que:

A constante expansão do léxico da língua se efetua *pela criação de novas palavras* (doleiro, internetês), pela *incorporação de palavras de outras línguas* (deletar, mouse, leiaute, tuitar, bloga, pela *atribuição de novos sentidos a palavras já existentes* (salvar, fonte, vírus), processos que costumam existir e deixar o léxico em um ininterrupto movimento de renovação. (ANTUNES, 2012, p. 31, grifo da autora).

Há neologismos fonológicos, sintáticos e semânticos, que são recursos que os usuários das línguas utilizam para a criação de novas unidades lexicais e assim acontecia – e acontece – também na linguagem da moda, como dissemos, que é dinâmica, atual e que, comumente, precisa de nomenclaturas novas para modelos, estilos e peças que se atualizam.

Outro recurso frequente do neologismo nas línguas são as unidades oriundas de línguas estrangeiras, chamados de neologismos por empréstimo (ou somente empréstimos). Fica clara a influência de línguas estrangeiras na língua portuguesa, por meio da adoção de itens lexicais dessas línguas exógenas, o que se configura como empréstimo.

É evidente que, enquanto uma língua existir, seu léxico vai se expandir. E um dos processos pelos quais pode passar essa expansão é a neologia, em que um novo item é introduzido numa língua, “podendo ser forma – uma forma nova – ou conceitual – um significado novo para um termo existente” (CARVALHO, 1989, p. 78).

Ainda para Carvalho (2009, p. 55), “o empréstimo tem sua origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transferem-se para outra cultura”. Assim, os itens de moda que não dispunham de nome em português foram usados em francês.

Conforme Basílio (2007, p. 7), “quase sempre fazemos uso automático das palavras, sem parar para pensar nelas. E não nos damos conta de que algumas vezes essas unidades com que formamos enunciados não estavam disponíveis para uso”. Podemos citar como exemplo, “paletot” (Tabela 4).

Tabela 4 – Ficha de “paletot”

PALETOT	
“composta d’um paletot com as abas arredondadas”	
Laemmert e Laemmert ([2016a], p. 168)	
Paletó	
AUL	AUR
sm. 1. Vest. Casaco de corte reto, com bolsos externos e internos, que vai até a altura dos quadris, ger. usado sobre outra peça de roupa.	[Do fr. <i>paletot</i> < ingl. med. <i>paltok</i> , ‘jaqueta’, ‘casaco de camponês’] Substantivo masculino. Bras. 1. Casaco com bolsos externos, cujo comprimento vai até a altura dos quadris. [Com a calça e o colete compõe o terno masculino; com a saia, o costume feminino. Sin. pop. (em MG): <i>cabe</i> .]

O paletó é uma das peças mais famosas da indumentária. Está relacionado historicamente ao vestuário masculino, mas, nas últimas décadas, também passou a fazer parte do vestuário feminino. O paletó consiste em um tipo de casaco largo, com gola grande, parecido com um sobretudo, que se veste por cima do terno, usualmente. A unidade aparece, neste exemplar, escrita no original francês *paletot*.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ou, ao contrário, o que antes só dispunha do nome em português, passou a ter uso concorrente com a versão francesa, numa tentativa de parecer mais sofisticado, como “*bonnet*” (Tabela 5) e “*boné*” (Tabela 6), sobre as quais já foi dito sobre a frequência no *corpus*.

Tabela 5 – Ficha de “*bonnet de filó*”

BONNET DE FILÓ	
“bonnet de filó com fita semelhantes às do vestido”	
Laemmert e Laemmert ([2016a], p. 72)	
Boné	
AUL	AUR
1. Chapéu de copa redonda, sem abas, com uma pala.	[Do fr. <i>bonnet</i> .] Substantivo masculino. 1. Peça de vestuário para a cabeça, de copa redonda, com uma pala sobre os olhos. [No Brasil, o t. é us. na Marinha; no Exército e na Aeronáutica, usa-se <i>quepe</i> .]
Com um formato diferente do qual conhecemos hoje, o boné era um acessório que demonstrava elegância no vestuário feminino no Século XIX e compunha os penteados da época. O boné de filó confere um ar mais requintado ao modelo. Neste exemplar, a unidade aparece escrita em francês (<i>bonnet</i>) ao invés do português, boné.	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Tabela 6 – Ficha de “*boné*”

BONÉ	
“um lindo boné de grós de Napoles”	
Laemmert e Laemmert ([2016a], p. 8)	
-	
AUL	AUR

1. Chapéu de copa redonda, sem abas, com uma pala.

[Do fr. *bonnet*.] Substantivo masculino.
1. Peça de vestuário para a cabeça, de copa redonda, com uma pala sobre os olhos.
[No Brasil, o t. é us. na Marinha; no Exército e na Aeronáutica, usa-se *quepe*.]

Com um formato diferente do qual conhecemos hoje, o boné era um acessório que demonstrava elegância no vestuário feminino no Século XIX e compunha os penteados da época.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os exemplos de estrangeirismos franceses empregados no *Novo Correio das Modas* são as lexias apontadas anteriormente: “*paletot*” (que aparece duas vezes) e “*bonnet*”. O *paletot* – ou paletó – é uma das peças mais famosas da indumentária e está relacionado historicamente ao vestuário masculino. No século XIX, apenas os homens usavam paletó, conforme observamos durante o levantamento de dados, ao analisar as gravuras dos periódicos selecionados.

Já o item *bonnet* aparece duas vezes registrado com a grafia original francesa e uma vez escrita em sua versão traduzida para a língua portuguesa, boné, que, segundo o *Dicionário Etimológico da língua portuguesa* (CUNHA; MELLO SOBRINHO, 2010, p. 97), aparece assim grafado pela primeira vez em 1871. Em 1854, o boné tinha um formato diferente do qual conhecemos hoje, pois era um acessório que demarcava elegância no vestuário feminino e compunha os penteados da época. Esta variação observada demonstra que havia já uma certa evolução com relação ao uso dessa lexia, por aparecer em sua versão na língua portuguesa, diferentemente do caso de “*paletot*”, que aparece apenas em francês. Encontramos diversas unidades recolhidas no nosso *corpus* que aparecem grafadas, na seção “Modas”, na língua francesa. Tem-se, por exemplo, *toilettes* (no singular *toilette*), que aparece sete vezes entre os dados recolhidos. Essa unidade designa comumente o ato de lavar-se, pentear-se ou o ato de usar o banheiro, mas é também empregada para caracterizar um traje elegante, muito adequada para a descrição dos elegantes modelos franceses que estavam nas gravuras do periódico.

Ainda dentro da influência da língua francesa no léxico da moda do século XIX, observamos uma pequena variação no emprego de outras duas unidades: uma é *popeline* (um tecido de algodão), que aparece grafada no original francês por duas vezes e apenas uma vez na sua versão em português, “popelina”; e a outra é “collete”, que é *collet* no original em francês e aparece grafada com duas letras // em todas as dez ocasiões observadas, com adição da vogal /e/ ao fim da unidade, num caso de alomorfa, como comentado anteriormente.

Encontra-se mais um caso de prestígio concedido à língua francesa no *Novo Correio das Modas* com “taffetá”. De todos os dados recolhidos no periódico analisado, a grafia desta unidade é feita com duas consoantes /f/, de maneira similar ao seu original francês *taffetas*. Inferimos que o motivo de este item aparecer tanto no plural quanto no singular nos dados recolhidos, deve-se, provavelmente, ao fato de o autor parecer estar inclinado a fazer a concordância de número dos substantivos ao escrever em português. Toma-se, por exemplo, o seguinte contexto/exemplo: quando se tem um sintagma grafado no singular, como em “Vestido de taffeté azul” (LAEMMERT; LAEMMERT, [2016a], p. 136), *taffetá* aparece no singular. Já quando um dos itens do sintagma aparece no plural, como em “fitas de taffetés” (LAEMMERT; LAEMMERT, [2016a], p. 88), *taffetá* aparece no plural, funcionando como um adjetivo. Digno de nota ainda é a presença do acento agudo na última letra, para evidenciar que se trata de uma oxítone.

Vale lembrar que esse período histórico de adoção do francês teve impulso com a Revolução Francesa e os conflitos napoleônicos, que deram origem a inúmeras transformações por toda a Europa. Nesse momento, D. João de Portugal transferiu-se com toda a corte portuguesa para terras brasileiras, abrindo seus portos para países amigos e, assim, trouxe uma considerável intensificação do comércio internacional. Diante do novo cenário, tiveram início novos projetos e importações das últimas novidades da moda europeia e o Brasil mudou sua posição de colônia para reino.

Assim, de acordo com Ferreira e Betta (2015):

As exposições eram explícitas, o período era de ostentação. O Rio de Janeiro – Capital da República, ditava os novos hábitos, copiados da Europa, que por consequência determinava o modelo a ser seguido para a maioria dos estados, tanto na política quanto para os novos usos e costumes. A Rua do Ouvidor se tornou o centro da moda no Rio de Janeiro, que no apogeu da Belle Époque se transforma em desfile de moda, onde damas e cavalheiros exibiam em público seus trajes parisienses. [...] O fato de ter que adaptar o modelo do vestuário europeu ao clima brasileiro, as roupas acabam sofrendo algumas alterações, mas ainda eram muito semelhantes àquelas usadas pelos europeus. (FERREIRA; BETTA, 2015, p. 4).

É importante considerar, também, a presença de itens associados a nomes próprios e de lugar, vistos dentro do *corpus* com a função de adjetivos, especificamente de adjetivos onomásticos, ou seja, relacionados a nomes próprios, e antroponomásticos, que são aqueles ligados a nomes parentais, sobrenomes, apelidos e alcunhas (ISQUERDO, 2020).

O primeiro exemplo trazido de nosso *corpus* é vestido Pompadour (Tabela 7), sobre o qual comentamos anteriormente, ao dizer que era o nome de uma amante do rei Luís XV, da França. O adjetivo que qualifica o tipo de vestido faz referência a Jeanne-Antoinette Poisson, Marquesa de Pompadour. O nome que acompanha o título está associado a Arnac-Pompadour, uma pequena cidade pertencente a Corrèze, departamento localizado na parte central da França.

Tabela 7 – Ficha de “vestido Pompadour”

VESTIDO POMPADOUR
“vestido <i>Pompadour</i> ”
Laemmert e Laemmert ([2016a], p. 120)

AUL	AUR
3. Roupas ger. us. por mulheres, composta por blusa e saia formando uma peça única: "... mandara confeccionar um belo vestido de seda pura, preto, bordado a miçangas..." (Zélia Gattai, <i>Um chapéu para viagem</i>).	[Do lat. <i>vestitu.</i>] Substantivo masculino. 2. Vestimenta feminina usada, em geral, por cima da roupa de baixo (q. v.), e composta de saia e blusa, formando um todo.
Um dos mais famosos e comuns trajes da indumentária feminina, os vestidos são símbolos de elegância e que já apareceram com diferentes formas e comprimentos ao longo da história da moda. O adjetivo <i>Pompadour</i> diz respeito ao estilo ostentoso da Marquesa de Pompadour (1721-1764), famosa por ter sido amante do rei Luís XV.	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Podemos dizer que, além de remeter a uma pessoa, também concerne a uma toponímia, que, conforme Seabra e Faria (2016):

No âmbito dos estudos Linguísticos, é a disciplina da Onomástica que investiga o léxico toponímico, ou os nomes próprios de lugares, considerando-o como expressão linguístico-social que reflete aspectos culturais e históricos de um núcleo humano existente ou preexistente. (SEABRA; FARIA, 2016, p. 603).

No caso da personagem francesa do século XVIII que influenciou a moda, *Pompadour* é usado como uma alcunha geográfica ligado ao título de nobreza, ou seja, lexia com uma função descritiva, que identifica e qualifica "nomes étnico-geográficos (derivados do nome da localidade de origem na ilha e do país de emigração) e ainda nomes resultantes de algum episódio da vida do indivíduo, fornecendo-nos informações linguístico-culturais" (NUNES, 2004, p. 511).

O segundo item adjetivo do *corpus* é "Valaquias", presente em mangas *Valaquias* (Tabela 8). No português contemporâneo, recebe acento (Valáquia) e é adotado como adjetivo toponímico, já que Valáquia é uma província histórica da Romênia. Inicialmente era um principado dominado pela Hungria que, depois de outras dominações, passou a ser russo no Século XIX e depois romeno. O traje remete ao de uma camponesa daquela localidade (SOUZA, 2019).

Tabela 8 – Ficha de “mangas Valaquias”

MANGAS VALAQUIAS	
“mangas <i>valaquias</i> ”	
Laemmert e Laemmert ([2016a], p. 40)	
-	
AUL	AUR
1. Parte de paletó, camisa, casaco etc. que envolve total ou parcialmente os braços.	[Do lat. <i>manica</i> , ‘manga de túnica’.] Substantivo feminino. 1. Parte do vestuário onde se enfia o braço.
Unidade correspondente, no que diz respeito ao vestuário, à parte da roupa na qual se envolvem os braços, total ou parcialmente. As mangas valáquias seguem o estilo camponês romeno, descrita na revista como abertas no antebraço, com pequenas barras de veludo.	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como terceiro item de aspecto onomástico do *corpus*, apresentamos laços à Fontanges (Tabela 9), cuja denominação remete a Marie-Angélique, duquesa de Fontanges, amante do rei Luís XIV, da França (CACIA, 2012). Segundo Laver (1989), indicava:

Um topete altíssimo puxado a partir da raiz dos cabelos e esticado sobre uma almofada no alto da cabeça formava um centro de construção; fileiras de cachos dos lados; um chinó dependurado atrás defendia seu occipício como um contraforte; e toda a estrutura era mantida no lugar e à prova d’água por um grande número de longos alfinetes simples e duplos. (LAVÉR, 1989, p. 140).

Tabela 9 – Ficha de “laços à Fontanges”

LAÇOS Á FONTANGES	
“laços á <i>fontanges</i> ”	
Laemmert e Laemmert ([2016a], p. 8)	
-	
AUL	AUR

sm. 1. Nó com uma ou mais alças e que se desamarra facilmente: *Dar um laço na gravata* [Cf. *laçada*].

[Do lat. vulg. **laciū*, por *laqueū*.]

Substantivo masculino.

1. Nó que se desata sem esforço, e que apresenta uma, duas ou mais alças:

O enfeite do vestido era um laço de fita; "João Ribeiro não sabe dar laço de gravata." (Joaquim Ribeiro, 9 Mil Dias com João Ribeiro, p. 35).

Acessório para cabelos composto de nós sutis e delicados. Fontanges indica um penteado muito comum no Século XIX, original da França, da duquesa de Fontanges, com topete alto puxado a partir da raiz dos cabelos e enfeitado com laços.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Além dos aspectos onomásticos e das lexias em francês, outra influência de língua estrangeira notada é por meio de “veludo”, proveniente, segundo o Dicionário Aulete Digital ([2014]), do espanhol, e que aparece quatro vezes, dentre os dados recolhidos, grafada como a conhecemos hoje. Por outro lado, essa lexia aparece com duas consoantes *ll*, *velludo*, em seis ocasiões, como grafada em espanhol. Nos modelos das gravuras, o veludo aparece apenas em detalhes e adornos, pois é um tecido quente, não muito adequado para confecções de modelos inteiros para serem usados no forte calor tropical brasileiro.

Fora do campo dos empréstimos, uma outra unidade que aparece em todo o *corpus* grafada de maneira diferente da qual conhecemos hoje é “chapéo”. Registrada em 1854 com a vogal posterior média aberta /o/ (pronunciada como vogal reduzida, quando em fim de palavra), este item apresenta evolução com relação à grafia da última letra de sua sílaba final, pois a conhecemos hoje grafada com a vogal alta posterior fechada /u/.

Outro caso no qual existe a evolução na ortografia, desta vez na sílaba inicial e com relação à consoante, é “setim”. O cetim é um dos tecidos mais clássicos e elegantes da moda e, assim como a seda, acredita-se que teve origem na China. Anteriormente, a unidade era grafada com a consoante fricativa alveolar surda /s/. Provavelmente por conta da influência francesa, em que é escrito *satín*, de origem árabe (LAROUSSE, [2009]) incorporada ao francês

desde o século XIV (DICTIONNAIRE LITTRÉ, [2013]). Hoje em dia, em português é redigida com a consoante /c/, que assume o mesmo som da fricativa alveolar surda /s/ quando seguida da vogal /e/.

Considerações finais

Além da presença de adjetivos de caráter onomástico, reafirmamos que a influência francesa no léxico português-brasileiro da moda do século XIX é notável ao observar nosso *corpus* e verificar que os principais empréstimos são galicismos.

Algumas unidades foram traduzidas para o português ao mesmo tempo que outras foram empregadas na língua original; há ainda unidades que começaram a ser incorporadas ao léxico do português brasileiro com alguns resquícios do francês, como no caso apontado de “collete”, que em 1854 era grafada com duas consoantes // e que, hoje em dia, passou por outra evolução e é grafada com apenas uma letra //.

Os casos de emprego de itens de língua estrangeira e da evolução na grafia de incorporação lexicais foram os mais observados entre os dados recolhidos nas vinte e cinco edições selecionadas do *Novo Correio das Modas*. Esses casos, conforme Alves (2002, p. 73) afirma, são nada menos do que uma tentativa da parte da imprensa escrita de “imprimir à mensagem a ‘cor local’ do país ou da região estrangeira a que ele faz referência”. A Europa como um todo e a França mais especificamente são as grandes fontes das quais o léxico da moda se alimenta. Logo, naturalmente, francês e outras línguas europeias (espanhol, também presente no levantamento de nosso *corpus*) figuram no português brasileiro da moda do século XIX.

A presença mais sentida de galicismos reforça que a elite brasileira tentou extrair da *Belle Époque* francesa seu estilo de vida para tentar imprimir, àquela nova sociedade nacional, ares de nobreza e de alto nível cultural. Em um país jovem e recém-independente como o Brasil da segunda metade do século XIX (que havia alcan-

çado a independência de Portugal apenas trinta anos antes das publicações observadas), adaptavam-se não somente os luxuosos modelos parisienses, mas também a linguagem e o léxico no *Novo Correio das Modas*, para a ampla compreensão de suas leitoras, as principais consumidoras dessa obra impressa.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- ANTUNES, Irlandé. *Território das palavras*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2007.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *A palavra e a sentença: estudo introdutório*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CACIA, Daniela. L'italiano in testa: vagabondaggio onomastico tra le acconciature postunitarie. In: D'ACHILLE, Paolo; CAFFARELLI, Enzo. *Lessicografia e onomastica nei 150 anni dell'Italia unita - Atti delle Giornate internazionali di Studio*. Roma: Società Editrice Romana, 2012. p. 187-208.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez; 2009.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.
- CHATAIGNIER, Gilda. *História da Moda no Brasil*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- CRUZ, Antonio Roberto Seixas da; SENA, Fabiana. Correio das Modas e Novo Correio das Modas: modos de ser mulher em Lisboa e no Rio de Janeiro do século XIX. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 67-80, 2012.

CUNHA, Antonio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Claudio. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

LAEMMERT, Eduardo; LAEMMERT, Henrique. (ed.). *Novo Correio das Modas: Novellas, Poesias, Viagens, Recordações Historicas, Anecdotas e Charadas*. Rio de Janeiro, n. 1, 1854. Ed. digitalizada. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, [2016a]. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/700053/per700053_1854_00001.pdf. Acesso em: 25 abr. 2023.

LAEMMERT, Eduardo; LAEMMERT, Henrique. *Novo Correio das Modas: Novellas, Poesias, Viagens, Recordações Historicas, Anecdotas e Charadas (RJ) - 1852 a 1854*. Ed. digitalizada. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, [2016b]. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/novo-correio/700053>. Acesso em: 15 jan. 2020.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2014]. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

DICTIONNAIRE LITTRÉ. Paris, France: Balliere, [2013]. Disponível em: <https://www.littre.org/>. Acesso em: 11 jul. 2020.

DONEGÁ, Ana Laura. *Publicar ficção em meados do século XIX: um estudo das revistas femininas editadas pelos irmãos Laemmert*. 2013. 330f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1619688>. Acesso em: 22 mar. 2023

FAULSTICH, Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *Tradterm*, [s. l.], v. 7, p. 11-40, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Cintia dos Reis; BETTA, Edinéia Pereira da Silva. Famílias Renaux, Bauer e Krieger: reflexos de moda na belle époque brusquense. *In: MODA*

DOCUMENTA – HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA E DA MODA, 5., 2015, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: MIMo: Estação das Letras e Cores Editora, 2015. Ano 2, n. 1, p. 1-13. Disponível em: <https://silo.tips/download/familias-renaux-bauer-e-krieger-reflexos-de-moda-na-belle-epoque-brusquense>. Acesso em: 25 abr. 2023.

FRANKENBERG-GARCIA, Ana. The lexicography of Portuguese. In: HANKS, Patrick; SCHRYVER, Gilles-Maurice de. (ed.). *International Handbook of Modern Lexis and Lexicography*. Berlin: Springer, 2017. p. 1-10.

FROMM, Guilherme. O uso de corpora na análise linguística. *Revista Factus*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2003.

GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de. *Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos*. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2007.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Prefácio. In: AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. *Nomes Próprios de Pessoa: Introdução à Antroponímia Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020. p. 9-25.

LAROUSSE. Paris, France: Larousse, [2009]. Disponível em: <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>. Acesso em: 10 jul. 2020.

LAVÉ, James. *A Roupas e a Moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIMA, Joanes Alves de. *Análise do sistema ortográfico do português brasileiro em cartas do séc. XIX*. 2009. 168f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7541/1/arquivo3965_1.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

NUNES, Naidea. Alcnhas e nomes geográficos na literatura regional madeirense. In: AGRELO, Ana Isabel Boullón. (ed.). *Novi te ex nomine*. Estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer. La Coruña: Instituto da Língua Galega: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004. p. 509-517. Disponível em: <https://www.academia.edu/6257895/>

ALCUNHAS_E_NOMES_GEOGR%3%81FICOS_NA_LITERATURA_REGIONAL_MADEIRENSE. Acesso em: 30 jun. 2020.

PETTER, Margarida. *Morfologia*. In: FIORIN, José Luiz. (org.) *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 59-79.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais*. São Paulo: Contexto, 2018.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; FARIA, Glauciane da Conceição dos Santos. Toponímia urbana: nomes de ruas da cidade mineira de Ponte Nova. *Caletrosópio*, Mariana, MG, v. 4, n. especial, p. 602-613, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/caletrosopio/article/view/3683/2903>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SOUZA, Jessica Serbeto Baldez de. *Trajes etnográficos femininos na coleção de Sophia Jobim: pesquisa de modelagens*. 2019. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Cênicas – Indumentária) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

WAJNMAN, Solange. Teorias da comunicação e da moda: a perspectiva do curso de moda. In: WAJNMAN, Solange; ALMEIDA, Adilson José de. (org.). *Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico*. São Paulo: Unip Arte e Ciência, 2005. p. 29-48.

ZINGANO KUHN, Tanara. State-of-the-art on monolingual lexicography for Brazil (Brazilian Portuguese). *Slovenščina 2.0*, Ljubljana, v. 7, n. 1, p. 98-112, 2019. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/101783/1/Stateoftheart-on-monolingual-lexicography-for-Brazil-Brazilian-PortugueseSlovenscina-20.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2023.